

## A utilização de guias de execução por alunos iniciantes de piano

### COMUNICAÇÃO

*Selva Viviana Martínez Aquino*  
UFRGS/PPGMUS – svmapy@yahoo.com.br

**Resumo:** O presente trabalho avaliou a aplicabilidade do modelo de guias de execução seguindo o modelo proposto por Chaffin et al. em alunos iniciantes de piano, visando a adequação do modelo para ser utilizado com crianças e adolescentes. Foi realizada uma análise do processo de preparação de um grupo selecionado de alunos que, com o apoio e concordância dos seus respectivos professores prepararam duas músicas para serem gravadas de memória. A metodologia incluiu o registro de entrevistas, performances e anotações realizadas pelos alunos nas suas partituras de estudo. Resultados preliminares demonstram que as performances com melhor desempenho foram aquelas apoiadas predominantemente por guias interpretativos e estruturais.

**Palavras-chave:** Guias de execução. Memorização. Piano. Alunos iniciantes.

#### **The Use of Performance Cues by Beginning Piano Students**

**Abstract:** This study evaluated the applicability of the performance cues model proposed by Chaffin et al. to beginning piano students, adapting the model for use with children and adolescents. A group of selected students supervised by their respective teachers prepared two songs to be played by memory and the preparation process and the recordings of their performances provide the foundation of the present analyses. The methodology included the recording of interviews, performances, and annotations on their scores. Preliminary results show that the most consistent results were achieved by performances supported predominantly by interpretive and structural cues.

**Keywords:** Performance cues. Memorization. Piano. Beginning level students.

### **1. Introdução**

Na minha dissertação de mestrado realizei uma pesquisa sobre a eficácia da utilização do modelo de guias de execução de Roger Chaffin (2001) como estratégia de estudo e memorização. Tendo alcançado plenamente o objetivo de executar uma peça musical complexa de memória, considerei a meta atingida. Minha experiência com o uso guias de execução permitiu reelaborar o meu estudo de maneira mais deliberada, e possibilitou o controle do progresso de meu aprendizado no decorrer da pesquisa. Posteriormente, continuei a utilizar o método na aprendizagem e memorização de outras peças, e também tenho procurado utilizar o modelo em minha prática pedagógica com alunos de diversas faixas etárias.

Tenho visto que na prática pedagógica com crianças e adolescentes, a memorização é um dos aspectos menos formalmente abordados no ensino de piano, o que faz com que ela seja sempre feita, no melhor cenário, de forma espontânea. Chaffin et al. (2009) descrevem esta forma de memorização como um *encadeamento associativo*, que segundo os autores, não é considerada como uma forma de memorização muito segura, pois não garante a

recuperação eficaz dos dados no momento de uma apresentação pública do executante. Nesse sentido, os guias de execução constituem marcos mentais desenvolvidos especificamente para cada obra, que podem servir para o monitoramento da performance e assim garantir que a execução ocorra conforme planejada (Lisboa; Chaffin; Demos, 2013).

McPherson, em sua publicação mais recente de um estudo longitudinal, relata que a qualidade de execução musical das crianças está diretamente relacionada à qualidade dos seus pensamentos enquanto tocam o instrumento (McPherson, 2005). No modelo proposto por Chaffin et al., os guias de execução previamente deliberados como “marcos” mentais atuam como coadjuvantes na organização e monitoramento do estudo e visam otimizar a recuperação na performance pública.

Considerando trabalhos anteriores (Chaffin & Imreh, 2001; Chaffin, Imreh, Crawford, 2002; Barros, 2008; Chaffin et al., 2009; Aquino, 2011; Lisboa, Chaffin, Demos, 2013; Chaffin, Gerling, Demos e Melms, 2013) que descortinam o uso de guias de execução para o aprendizado e memorização de peças musicais por parte de músicos profissionais e estudantes de nível superior, indaguei se alunos iniciantes de piano, numa faixa etária aproximada de 8 a 14 anos de idade, apresentariam perfis similares de utilização de guias de execução, e se seria possível constatar o mesmo grau de aproveitamento encontrado nos trabalhos acima citados.

## **2. Guias de execução**

Roger Chaffin propôs o modelo de guias de execução como uma ferramenta de recuperação da memória. O autor define os guias de execução como *marcos* em um mapa mental de uma peça, que são mantidos na memória de trabalho dos músicos durante a execução. Visto que eles podem ser acessados tanto pelos encadeamentos em série como também diretamente, por endereçamento, eles fornecem uma rede segura para o caso de quebra daqueles encadeamentos em série (Chaffin et al., 2009). O autor classifica os guias em quatro categorias: interpretativos, expressivos, estruturais e básicos.<sup>1</sup>

## **3. Metodologia**

A pesquisa consistiu em uma avaliação de 14 alunos de piano, numa faixa etária de 8 a 14 anos e com tempo médio de estudo do instrumento de 2 anos. Cada aluno preparou duas músicas escolhidas por ele e/ou por seu professor, e as apresentou em três encontros sucessivos realizados comigo dentro de um período de um mês. Os alunos deveriam tocar as suas músicas de memória no terceiro encontro, e opcionalmente nos dois primeiros encontros.

Os professores me avisaram quando os seus alunos estavam com as músicas prontas para serem apresentadas. Em cada encontro, os alunos tocaram suas duas músicas e concederam entrevista, sendo que estas atividades foram registradas em áudio e vídeo. Os encontros foram realizados nos horários habituais de suas aulas de piano, com intervalos de uma semana entre cada um, e os professores estiveram presentes nos encontros de seus alunos, participando eventualmente com observações sobre o processo.

Após cada gravação, os alunos foram estimulados a falar sobre o que eles pensam enquanto executam. Foi dada, para cada aluno, a tarefa de realizar anotações nas suas partituras de estudo, escrevendo o que eles pensaram durante o seu estudo na semana entre um encontro e outro. Estas partituras foram recolhidas no segundo e no terceiro encontro. No terceiro encontro, os alunos realizaram uma espécie de “teste oral”, que consistiu em perguntas objetivas sobre suas músicas.<sup>2</sup>

Após o término da coleta procedi ao estudo detalhado de cada entrevista e de cada uma das partituras, organizando, decodificando e classificando cada uma das declarações e anotações dos alunos de acordo com o modelo de guias de execução. Quanto às anotações na partitura, um aspecto importante da metodologia adotada neste trabalho é que os alunos que participaram da pesquisa não tiveram nenhuma informação sobre o modelo de guias de execução e suas classificações; eles simplesmente foram instruídos e estimulados a escrever o que eles pensavam. Desta forma, a tarefa de tipificação e classificação desse material, isto é, a adaptação ao modelo de guias de execução, foi levada a cabo exclusivamente por mim.<sup>3</sup>

Cada gravação foi estudada sob parâmetros anteriormente estabelecidos para a análise das performances dos alunos. As informações extraídas da análise das gravações permitiram registrar aspectos importantes da performance que interferiram na fluência da execução, e realizar uma avaliação qualitativa da performance da amostra.

#### **4. Resultados preliminares**

Foi observada uma heterogeneidade no nível técnico instrumental e de compreensão músico-analítica dos alunos. Estas variações foram resultado de diversos fatores, entre os quais cito a diferença de idade entre os participantes, a diferença de tempo de estudo do instrumento, a diversidade de professores e conseqüentemente das metodologias de ensino, o instrumento utilizado nas gravações (que abrangeu pianos de cauda, pianos de armário, pianos digitais e teclados de 61 teclas), e o próprio perfil do aluno quanto a seu interesse, motivação e facilidade de aprendizagem.

Apesar dessa heterogeneidade observada, todos os alunos foram capazes de realizar as tarefas solicitadas: fazer anotações na partitura e comentar sobre suas músicas. E o mais importante é que todos os alunos conseguiram executar as suas músicas de memória no terceiro encontro (alguns também o fizeram já nos outros encontros), e se sentiram satisfeitos com a superação do desafio.

Os padrões de ocorrência de erros durante a execução e de utilização de guias estão detalhados na Tabela 1.

ALUNO	IDADE	PEÇA A				PEÇA B			
		ERROS NA 3ª GRAV.	ERROS NAS GRAVAÇÕES G1 G2 G3	GUIAS DE EXECUÇÃO Bas Int Exp Est	ERROS NA 3ª GRAV.	ERROS NAS GRAVAÇÕES G1 G2 G3	GUIAS DE EXECUÇÃO Bas Int Exp Est		
A	8	13%			33%				
B	8	31%			28%				
C	9	6%			6%				
D	9	6%			0%				
E	10	5%			9%				
F	10	14%			31%				
G	10	6%			0%				
H	10	25%			50%				
I	11	20%			4%				
J	11	0%			50%				
K	12	3%			19%				
L	12	19%			9%				
M	12	25%			29%				
N	14	15%			20%				

**Tabela 1.** Padrões de ocorrência de erros e de utilização de guias de execução.

Em média, foi possível constatar uma melhoria da performance no decorrer dos três encontros. Em 46% das músicas foi constatada melhoria no índice de erros na última gravação em relação à primeira. Em 11% dos casos o índice de erros se manteve estável, e em todos estes casos os alunos já tinham domínio da música desde o primeiro encontro. Em apenas 14% dos casos houve piora no índice de erros da terceira gravação em relação à primeira; a maioria dos alunos deste grupo tocou a música de memória pela primeira vez no terceiro encontro.

Em 25% dos casos, houve uma melhora da primeira para a segunda gravação, porém houve uma piora na terceira gravação em relação à segunda. Alguns destes casos podem ser explicados pela expectativa do aluno em relação ao segundo encontro, e o consequente relaxamento no terceiro encontro.

Classifiquei as performances qualitativamente de acordo com fluência da execução, considerando como de bom desempenho as performances que apresentaram até 6% de ocorrência de erros, e de baixo desempenho as performances apresentaram 30% ou mais de erros. Sete alunos obtiveram bom desempenho na última gravação: dois alunos de 9 anos, dois de 10, dois de 11 e um de 12. Na análise dos guias de execução por eles utilizados, observou-se maior quantidade de guias interpretativos (42%) e estruturais (25%), e menor proporção de guias expressivos (17%) e básicos (17%). Cinco alunos obtiveram baixo desempenho na última gravação: dois alunos de 8 anos, dois de 10 e um de 11. Estes se caracterizaram por terem utilizado maior quantidade de guias básicos (66%) em relação aos outros tipos de guias (11% de cada).

### Referências:

- AQUINO, Selva Viviana Martinez. *Guias de execução na memorização do segundo movimento da Sonata N. 2 de Dmitri Shostakovich*. 2011. 99 f. Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em Música da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2011.
- BARROS, Luis Cláudio. *A pesquisa empírica sobre o planejamento da execução instrumental: uma reflexão crítica do sujeito de um estudo de caso*. 2008. 265f. Tese (Doutorado) — Programa de Pós-Graduação em Música da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2008.
- CHAFFIN, Roger; IMREH, Gabriela. Practicing perfection: piano performance as expert memory. *Psychological Science*, v. 13, pp. 342-349, 2002.
- CHAFFIN, Roger; IMREH, Gabriela; CRAWFORD, Mary. *Practicing perfection: memory and piano performance*. Mahwah: Erlbaum, 2002.
- CHAFFIN, Roger; LOGAN, Topher; BEGOSH, Kristen. Performing from memory. In: HALLAM, Susan; CROSS, Ian; THAUT, Michael (Ed.). *The Oxford Handbook of Music Psychology*. Oxford: Oxford University Press, 2009. pp. 352-363.
- CHAFFIN, Roger; GERLING, Cristina; DEMOS, Alexander; MELMS, Andrea. Theory and practice: A case study of how Schenkerian analysis shaped the learning of Chopin's Barcarolle. In: INTERNATIONAL SYMPOSIUM OF PERFORMANCE SCIENCE, 2013, Londres. *Proceedings of the Internacional Symposium on Performance Science*. UK: Royal College of Music, 2013, pp. 21-26.
- CHAFFIN, Roger; LISBOA, Tânia; DEMOS, Alexander. Recording thoughts as an aid to memorization: a case study. In: INTERNATIONAL SYMPOSIUM OF PERFORMANCE SCIENCE, 2013, Londres. *Proceedings of the Internacional Symposium on Performance Science*. UK: Royal College of Music, 2013, pp. 625-630.

MCPHERSON, Gary E.; DAVIDSON, Jane. Playing an instrument. In MCPHERSON, Gary E. (Ed.). *The Child as Musician: A Handbook of Musical Development*. Oxford: Oxford University Press, 2006, pp. 331-351.  
XXX, 2011.

---

<sup>1</sup> O autor não só concede mas recomenda a mais ampla liberdade de escolha em relação à classificação, encorajando que o músico reclassifique os guias de acordo com sua necessidade ou concepção (Chaffin, Imreh, Crawford, 2002).

<sup>2</sup> A ideia deste teste surgiu como uma adaptação da etapa de reescrita da partitura sugerida por Chaffin (Chaffin; Imreh; Crawford, 2002; Chaffin et al., 2009), pois considerei que alunos desta faixa etária não têm suficiente domínio da notação musical para realizar tal tarefa.

<sup>3</sup> As marcações realizadas na partitura nos trabalhos sobre guias de execução publicados até então, tem a classificação feita pelos próprios instrumentistas. A seleção e classificação de guias é um aspecto fundamental dentro da pesquisa com guias de execução, o qual considero deve ser reconsiderado para uma maior objetividade da pesquisa.